

## GÊNERO DISCURSIVO E GRAMÁTICA: UM ENCONTRO PREVISTO NO *ENUNCIADO CONCRETO*

**André Luiz RAUBER**

*Universidade de São Paulo- USP*

*Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT*

*“A verdade é que existem no mundo muitas coisas  
que possuem essa estranha propriedade:  
olhadas por uma determinada senhora, são completamente brancas,  
mas, vistas por outra, tornam-se vermelhas, vermelhas como morangos.”  
(Gógol, *Almas Mortas*, p.221)*

**Resumo:** Este artigo objetiva apresentar uma discussão em torno da relação gênero e gramática, com enfoque no que Bakhtin (2003 [1952-1953]) chamou de “enunciado concreto”. Para isso, reconhece-se a confluência entre a fluidez linguística e a composição genérica. Faz-se uma breve incursão teórica em torno das definições de enunciado concreto, gênero e oração, veiculadas pelos teóricos russos Bakhtin, Volochinov e Medvedev (1993, 2003, 2004), e sua pertinência para o estudo da Língua Portuguesa, no contexto escolar, a partir de uma visão funcional que considera a inter-relação dos domínios morfossintático, discursivo e pragmático da linguagem. Tais pressupostos são analisados em um Manual do Professor (CEREJA; MAGALHÃES, 2003a), que, neste artigo, serviu como gênero catalisador dessa integração complexa entre texto e gramática.

**Palavras-chave:** Gênero discursivo. Gramática. Ensino de Língua Portuguesa.

### GENRE AND GRAMMAR: A PLANNED MEETING IN THE *CONCRETE STATEMENT*

**Abstract:** This article presents a discussion on the relationship between gender and grammar, focusing on what Bakhtin (2003 [1952-1953]) called "concrete statement". Recognizing the confluence of linguistic fluidity and generic composition, we debate briefly the theoretical concepts of concrete statement, gender and phrase as defined by the

Russian theorists Bakhtin, Volochínov and Medvedev (1993, 2003, 2004), and their relevance to the study of Portuguese in the school context, from a functional perspective that considers the interrelationship of the morphosyntactic, discursive and pragmatic domains of language. These assumptions are present in a Teacher's Guide, which served as a catalyst in this article for the complex integration of text and grammar.

**Keywords:** Genre. Grammar. Portuguese language teaching.

### GÉNERO Y LA GRAMÁTICA: UNA REUNIÓN PREVISTA EN LA *DECLARACIÓN CONCRETA*

**Resumen:** En este artículo se presenta una discusión sobre la relación entre los géneros y la gramática, centrándose en lo que Bajtín (2003 [1952-1953]) llamó "declaración concreta". Para ello, reconocemos la confluencia de la fluidez lingüística y la composición genérica. Hacemos una breve incursión en torno a las definiciones teóricas establecidas de declaración concreta, género y oración de los teóricos rusos Bajtín, Volochínov y Medvedev (1993, 2003, 2004), y su relevancia para el estudio de la lengua portuguesa en el contexto escolar, desde un punto de vista funcional, que considera la interrelación de los campos morfosintáctico, discursivos y pragmático del lenguaje. Estos supuestos se encuentran en una Guía del Profesor, que sirvió como un catalizador en este artículo para esta integración compleja entre texto y gramática.

**Palabras clave:** Género. Gramática. Estudio de la lengua portuguesa.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O entendimento de que a interação verbal humana acontece via enunciados mais ou menos estáveis, a que Bakhtin (2003) chamou de gênero, e de que o sistema linguístico está em constante renovação, como proposto, por exemplo, por Hopper (1991), tem, de certo modo, ecoado no contexto do ensino de Língua Portuguesa (LP) no Brasil. Contudo, no processo de didatização, ainda que se tenha um discurso de reconhecimento da fluidez categorial da língua e do texto como unidade básica de estudo, a compreensão de fenômenos que indicam a confluência entre o funcionamento da gramática e a organização composicional dos gêneros merece atenção.

Para Givón (1995 *apud* NEVES, 1997, p.3), “a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem

referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução”. Ou seja, não é possível separar o estudo de uma gramática da sua manifestação que é a língua, materializada em textos e/ou gêneros.

Ainda, segundo Bakhtin (2003), as formas do gênero determinam as formas da língua. Nesse sentido, se o gênero, por um lado, é organizado a partir de motivações culturais e sociais, como sugere Bakhtin, ou por fatores pragmáticos e contextuais, como apontam vertentes funcionalistas, pode-se pensar em mecanismos supralinguísticos que, como força motriz, organizam a língua e se manifestam via estruturas sintáticas. Assim, se determinado gênero utiliza formas específicas da língua na sua organização interna, é possível levantar a hipótese de que a compreensão ou estudo de um gênero não prescinde da compreensão da estrutura gramatical que o constitui. Com base nisso, é possível defender uma gramática da língua desvinculada de um gênero? Não se trata aqui de “gramaticalizar” o gênero, mas, pelo contrário, levantar a hipótese de que a interface entre gênero e gramática não leva a olhares distintos sobre o mesmo objeto, no caso, a língua, mas a uma complementaridade, em que um é imprescindível para a configuração do outro.

Eis as questões que nos levaram a analisar, neste ensaio, a noção de oração e enunciado concreto em alguns dos textos de Bakhtin e de seu Círculo<sup>1</sup>, a fim de perceber pontos de contato com uma possível interface entre gênero discursivo e gramática, para resgatar o estudo da materialidade linguística em sua representação gramatical via enunciados concretos.

Embora reconheçamos a possibilidade de uma aproximação teórica entre a visão de língua de Bakhtin e seu Círculo com a concepção de autores funcionalistas, como Dik (1989) e Halliday (1973), que percebem a língua como atividade de interação, por uma questão de

---

<sup>1</sup> Referimo-nos ao Círculo dos intelectuais russos Bakhtin, Volochinov e Medvedev, citado por Souza (2002) em seu livro “Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev”.

delimitação teórica, focaremos, neste estudo, apenas textos de membros do Círculo Bakhtiniano. Nesse sentido, a alusão a correntes funcionalistas, na introdução deste ensaio, foi uma forma de identificar a preocupação de se olhar para a língua em uso, sem separá-la da sua materialidade que é o texto, ou, no dizer de Bakhtin, o enunciado concreto.

Para a verificação dessa relação entre enunciado e gramática em um *corpus* determinado, selecionamos um gênero da esfera educacional: o Manual do Professor (doravante MP), suplemento pedagógico publicado em um livro didático de Língua Portuguesa para o Ensino Médio (CEREJA; MAGALHÃES, 2003). Nele, buscamos evidências de uma aproximação entre o trabalho com a materialidade linguística do gênero nas propostas apresentadas para o ensino da gramática da LP. Para justificar as mudanças ocorridas no ensino de LP, retomamos alguns pontos do discurso da esfera oficial, divulgado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM (BRASIL, 1999), buscando aproximá-los, ainda que de modo especulativo, de alguns conceitos desenvolvidos pelo projeto do Círculo de Bakhtin.

## **1. A INTERFACE GÊNERO DISCURSIVO E GRAMÁTICA: A ORAÇÃO E O ENUNCIADO CONCRETO**

Em seu texto *“O enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades da língua (palavras e orações)”*, Bakhtin (2003), ao questionar os estudos linguísticos dos alemães Humboldt e Vossler, desenvolvidos no século XIX, coloca em questão as concepções de língua restritas apenas ao falante e ao objeto de sua fala ou, secundariamente, à sua função como meio de comunicação, criticando, inclusive, os conceitos de “ouvinte” e “entendedor”, o que para ele seriam representações de uma grande ficção.

A esse respeito, Bakhtin (2003, p.271) esclarece que

não se pode dizer que esses esquemas sejam falsos e que não correspondam a determinados momentos da realidade; contudo, quando passam ao objetivo real da comunicação discursiva eles se transformam em ficção científica. Neste caso, o ouvinte, ao perceber e

compreender o significado (lingüístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.

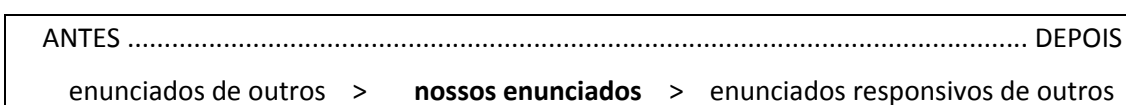
Para esse filósofo russo, toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo, que pressupõe também o discurso escrito e o lido, é de natureza ativamente responsiva (cf. BAKHTIN, 2003). Essa natureza responsiva da linguagem é o que distingue, para Bakhtin, a *oração* do *enunciado*. A primeira é classificada como unidade da linguagem e o segundo como unidade da comunicação discursiva.

A maior crítica que Bakhtin faz à análise restrita da oração é a de que, isolada nela mesma, não tem capacidade de gerar uma atitude responsiva, ou seja, de se mostrar num diálogo permanente com o outro do discurso, eis a razão porque só é possível à oração recuperar essa capacidade no conjunto do enunciado. Bakhtin ainda afirma que “a oração é um pensamento relativamente acabado [...] e não se correlaciona de imediato nem pessoalmente com o contexto extraverbal da realidade (a situação, o ambiente, a pré-história) nem com as enunciações de outros falantes, mas tão-somente através de todo o contexto que a rodeia, isto é, através do enunciado em seu conjunto” (BAKHTIN, 2003, p.277), e conclui dizendo que a oração é uma unidade da língua que tem natureza gramatical, obedece a leis gramaticais e tem unidade.

Eis uma afirmação que merece comentário. Se para essa teoria a oração está no nível da pura expressão gramatical e somente no enunciado ela funcionaria plenamente, enquanto unidade da comunicação discursiva, como pensar que a organização de uma oração, seja, por exemplo, na determinação ou não de um sujeito (argumento externo), ou na seleção de um complemento verbal (argumento interno), não estaria determinada pelo contexto da comunicação, ou seja, não estaria no limite entre o outro e em como nos dirigimos linguisticamente a esse outro?

Na verdade, para Bakhtin (2003), a relação entre oração e enunciado só ocorrerá quando a oração, inserida num contexto, ganha capacidade de resposta, e isso acontece apenas no conjunto do enunciado. O enunciado, segundo Bakhtin (2003, p.272), “é a real unidade da comunicação discursiva” e “é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Em termos de limites, o enunciado é construído a partir de outros enunciados que estão antes dele e depois dele, como tentamos ilustrar no esquema abaixo:

ESQUEMA 1:



Em texto intitulado “*Introdução à teoria do enunciado concreto: do Círculo Bakhtin/ Volochinov/ Medvedev*”, Souza (2002) mostra que o Círculo bakhtiniano já previa em seus estudos um olhar sobre o *enunciado concreto* que considerava a situação, entendida como a forma arquitetônica do enunciado, que compreende três elementos: espacial, semântico e axiológico. Segundo Souza (2002, p.87), “a investigação da parte verbal, imanente ao enunciado, deve ser relacionada a esses elementos extra-verbais. O horizonte social (valor) é que organiza, por um lado, a forma – a escolha da palavra e a sua disposição, e também, por outro, a entonação”.

Ainda que neste ponto o termo usado seja “palavra” e não “oração”, é possível depreender que, na elaboração de orações, a escolha de palavras tem forte relação com as condições da interação verbal, ou seja, com o horizonte social que as determina e com os limites dos enunciados anteriores e posteriores a ela, ou responsivos. Assim, mesmo que para Bakhtin a oração tenha valor apenas gramatical e seu funcionamento se dê somente no enunciado concreto, não se pode negar que ela também tenha sua estrutura determinada por contextos pragmáticos e discursivos, os quais “moldam” sua estrutura no nível morfológico, sintático e semântico.

Isso parece ficar mais claro quando, na obra *“Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem”*, Bakhtin/Volochinov (2004, p.92) afirmam que o sistema linguístico é fruto de uma reflexão sobre a língua, em que “o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas”. A língua, no seu uso efetivo, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida.

É justamente essa relação entre CONTEXTO – SUJEITO – USO – LÍNGUA que levará à compreensão do enunciado como manifestação de “*formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo*”<sup>2</sup>, formando o que Bakhtin (2003) chama de gêneros do discurso, uma vez que são estes que “organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas)” (BAKHTIN, 2003, p.283). Logo, ainda que apareça o termo “quase”, poderíamos inferir, a partir da citação acima, que Bakhtin dispõe no mesmo nível de determinação a organização do gênero e a organização da língua, em suas formas gramaticais, mostrando a convergência entre tais organizações.

Essas considerações nos conduzem ao ponto crucial deste ensaio: a interface gênero e gramática. Acreditamos não ser possível separar de modo dicotômico dois domínios da linguagem que parecem indubitavelmente interligados na sua origem. Segundo o próprio Bakhtin (2003, p. 286),

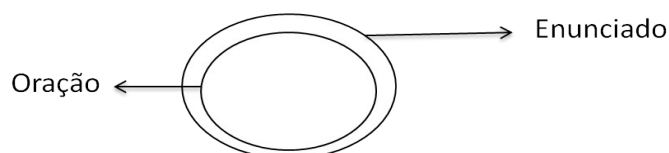
quando escolhemos um determinado tipo de oração, não o escolhemos apenas para uma oração, não o fazemos por considerarmos o que queremos exprimir com determinada oração; escolhemos um tipo de oração do ponto de vista do enunciado *inteiro* que se apresenta à nossa imaginação discursiva e determina a nossa escolha. A concepção sobre a forma do conjunto do enunciado, isto é, sobre um determinado gênero do discurso, guia-nos no processo do nosso discurso. A idéia do nosso enunciado em seu conjunto pode, é verdade, exigir para sua realização apenas uma oração, mas pode exigí-las em grande número. O gênero escolhido nos sugere os tipos e os seus vínculos composicionais.

---

<sup>2</sup> Grifos dos autores.

Uma vez que a oração, para Bakhtin, só se torna um elemento significativo no interior de um enunciado, podemos presumir que, por outro lado, o enunciado, entendido como gênero, também só tem o seu sentido efetivado quando construído e estruturado a partir da oração (ou orações). Há uma complementaridade: gênero e conteúdo gramatical (oração) funcionam simultaneamente na produção do enunciado, ambos se autodeterminando reciprocamente. Essa relação entre oração e enunciado concreto poderia ser visualizada a partir da seguinte representação por nós sugerida:

ESQUEMA 2:



Essa interseção entre o domínio da oração e do enunciado, um sendo constituído pelo outro, pode nos auxiliar na compreensão sintática da língua.

Bakhtin/Volochinov (2004, p.139) dedicam um capítulo na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, intitulado “Teoria da enunciação e problema sintático”, para dizer que os problemas da sintaxe são muito importantes para a compreensão da língua e de sua evolução, uma vez que “de todas as formas da língua, as formas sintáticas são as que mais se aproximam das formas concretas da enunciação, dos atos de fala”. Desse modo, a interface gramática e gênero parece ainda mais evidente nos estudos do Círculo.

Um contra-argumento a essa nossa hipótese poderia ser encontrada em Machado (2006, p.157), quando a autora afirma que “o vínculo estreito que Bakhtin verifica entre discurso e enunciado evidencia a necessidade de se pensar o discurso no contexto enunciativo da comunicação e não como unidade de estruturas linguísticas”. Não discordamos disso, apenas acrescentamos que esse discurso, quando materializado em gêneros discursivos verbais, tem sua configuração “moldada” por estruturas linguísticas, e são justamente essas



estruturas que serão recuperadas numa análise da materialidade linguística de um gênero a fim de, inclusive, dar respaldo e credibilidade a essa análise.

Lembramos-nos, então, do texto de Volochinov (1993 [1930]): *La construcción de la enunciación*, em que o autor russo analisa o discurso da personagem Tchitchicov, da obra “*Almas mortas*” de Gógol. Nesse texto, Volochinov (1993, p. 272) nos apresenta um interessante comentário que aproxima as questões linguísticas, as intenções do falante e o contexto pragmático da configuração do gênero e da “entonação”, ou seja, do valor, que constitui seu enunciado:

todos los procedimientos indicados, obviamente, no son suficientes para construir una frase. La entonación, que expresa la orientación social, no solo exige palabras o expresiones de un estilo particular, no solo les da un significado particular, sino que indica qué puesto deben ocupar, las distribuye en la enunciación.<sup>3</sup>

Ao analisar a construção de um enunciado da personagem de um romance, Volochinov observa que toda sua configuração linguística está determinada pela situação comunicativa e pela diferença hierárquica entre os interlocutores. Ou seja, a entonação, entendida aqui como a expressão sonora da variação social, é o elemento extraverbal que acaba por determinar a disposição das palavras no enunciado. Diante disso, como não pensar na interface gênero e gramática?

Se nossa hipótese a respeito dessa interface estiver correta, um trabalho didático que tenha o gênero discursivo como objeto de estudo e de ensino deve ter, como pressupostos básicos, os seguintes princípios:

- a) que a organização da interação verbal se dá via enunciados concretos (gêneros);

---

<sup>3</sup> Tradução sugerida: Todos os procedimentos indicados, obviamente, não são suficientes para construir uma frase. A entonação, que expressa a orientação social, não somente exige palavras ou expressões de um estilo particular, atribuindo-lhe um significado particular, mas indica-lhes que posição devem ocupar na enunciação.

- b) que a oração (entendida aqui como componente gramatical da língua) é o elemento significativo do conjunto de um enunciado;
- c) e, finalmente, que o estudo dos componentes gramaticais deve se dar a partir da contextualização da língua em enunciados.

Resta-nos, agora, observar de que modo o MP analisado organiza e propõe essa interface entre gênero e gramática.

## **2. INVESTIGAÇÕES DA INTERFACE GÊNERO E GRAMÁTICA NO MANUAL DO PROFESSOR DE LP**

Antes de falarmos propriamente do MP de LP, torna-se imprescindível recuperar alguns pontos do discurso oficial. No final do século XX, as mudanças no objeto e nos objetivos do ensino de LP no Brasil acabaram por delimitar novas metodologias de ensino para os níveis fundamental e médio da escolaridade básica dos cidadãos brasileiros e que repercutem nos materiais didáticos desde então. Neste ensaio, dedicamo-nos ao ensino médio e aos parâmetros oficiais para esse nível de estudo, que compreende as três últimas séries da educação básica.

Pode-se dizer que foi com a publicação, em 1999, dos PCNEM e das Diretrizes Curriculares Nacionais (1998) que, de certo modo, oficializou-se um olhar sobre o ensino da língua materna no nível médio voltado para questões como uso, contexto e interdisciplinaridade. Segundo os PCNEM, “o processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa, no Ensino Médio, deve pressupor uma visão sobre o que é língua verbal. Ela se caracteriza como construção humana e histórica de um sistema lingüístico e comunicativo em determinados contextos” (BRASIL, 1999, p.137). Assim, segundo os parâmetros, na gênese da linguagem verbal e num mundo sócio-cultural, estão o homem e seus sistemas simbólicos e comunicativos. É a partir dessa “nova” concepção do objeto da língua que as discussões sobre os gêneros discursivos começam a ter voz e a repercutir nos documentos oficiais, como se

pode ver nos seguintes excertos dos PCNEM, que correlacionamos com alguns pressupostos teóricos do Círculo bakhtiniano:

ESQUEMA 3:

<b>Discurso dos PCNEM/1999</b>	<b>Aproximações com pressupostos teóricos do projeto do Círculo de Bakhtin</b>
O caráter sócio-interacionista da linguagem verbal aponta para uma opção metodológica de verificação do saber lingüístico do aluno, como ponto de partida para a decisão daquilo que será desenvolvido, tendo como referência o valor da linguagem nas diferentes esferas sociais. (BRASIL, 1999, p.139)	A noção de esfera da comunicação verbal
A unidade básica da linguagem verbal é o texto, compreendido como a fala e o discurso que se produz, e a função comunicativa, o principal eixo de sua atualização e a razão do ato lingüístico. (BRASIL, 1999, p.139)	A noção de enunciado concreto A noção de gênero discursivo
A interação é o que faz com que a linguagem seja comunicativa. Esse princípio anula qualquer pressuposto que tenta referendar o estudo de uma língua isolada do ato interlocutivo. Semelhante distorção é responsável pelas dificuldades dos alunos em compreender estaticamente a gramática da língua que falam no cotidiano. (BRASIL, 1999, p.139)	A noção de contextualização A noção de formas de atitudes responsivas
Os papéis dos interlocutores, a avaliação que se faz do “outro” e a expressão dessa avaliação em contextos comunicativos devem ser pauta dos estudos da língua. Dessa forma, podemos falar em adequação da linguagem a situações de uso. (BRASIL, 1999, p.140)	A noção de dialogismo

Guardadas as críticas ao conteúdo e à organização dos PCNEM/99, chama-nos a atenção o modo como alguns dos conceitos epistemológicos levantados pelo projeto do Círculo de Bakhtin são inferidos nesse documento e acabaram por fundamentar teoricamente um discurso oficial para o ensino de LP no nível médio (antigo segundo grau) brasileiro. A mesma influência parece ter ocorrido no nível fundamental. Como veremos mais adiante, esse discurso ecoará, invariavelmente, até os ouvidos dos autores de LD, que procurarão segui-lo na elaboração de seus manuais e compêndios didáticos. Muitos desses elaboradores certamente também estavam, em 1999, começando a tomar contato com os princípios do Círculo de Bakhtin, via popularização de suas ideias em traduções para o português ou em cursos de formação e/ou capacitação pedagógica. A repercussão dessa entrada de “novas” vozes no contexto que envolve o ensino de LP no Brasil será objeto de observação no MP em análise.

### **3. ANÁLISE DO MANUAL DO PROFESSOR: “GRAMÁTICA: INTERAÇÃO, TEXTO E REFLEXÃO...”**

Uma vez que nossa intenção neste ensaio é observar a interface entre gênero e gramática no ensino de LP, nada mais adequado do que investigar isso em gêneros que circulam na esfera escolar e, principalmente, que contribuem para formação contínua do docente. Para isso, selecionamos, como *corpus* de análise, o Manual do Professor de LP (CEREJA; MAGALHÃES, 2003a), publicado no LD “*Português: Linguagem*”, de Cereja e Magalhães (2003), edição Ensino Médio, editora Atual. Essa seleção foi motivada por duas razões: o alto uso desse LD, logo, de seu manual, no ensino médio brasileiro e sua indicação pelo Programa Nacional do LD para o Ensino Médio – PNLEM.

Devido à sua natureza enunciativa, ou seja, por se tratar de um enunciado concreto dirigido a um determinado interlocutor, cumprindo determinada função comunicativa, discursiva e possibilidade de uma atitude responsiva, o MP é aqui considerado um gênero discursivo, ainda que ele seja, na maioria dos casos, um tipo de “apêndice” do LD do professor, uma vez que seu suporte de divulgação é o próprio LD.

Para uma perspectiva bakhtiniana, que considera o *corpus* como elemento fundamental para qualquer discussão teórica, torna-se imprescindível, como indicam Brait e Melo (2006), levantar questões como: “a quem se dirige esse enunciado?”, “como o locutor percebe a imagem de seu destinatário?” e “qual é a força da influência do destinatário sobre o enunciado?”.

De uma forma geral, a esfera de circulação do MP é a esfera educacional, mais precisamente o contexto escolar. O MP, como o próprio nome indica, tem como interlocutor o professor. Por isso, é para a imagem desse interlocutor professor que se dirige o autor do MP que, geralmente, é o mesmo autor do LD. A estrutura do MP de Cereja e Magalhães (2003) está dividida em: introdução; metodologia para o ensino de Literatura, Produção de Texto e Gramática; estrutura da obra; sugestões de estratégias gerais e específicas para cada uma das 9 unidades, que organizam os assuntos e conteúdos dos 48 capítulos do LD. Seleccionamos, para esta análise, a unidade do MP que apresenta a metodologia para o ensino de “gramática”.

Na introdução do MP, os autores indicam que o LD em questão pretende atender “às necessidades essenciais do estudante de ensino médio de hoje e aos novos desafios lançados pela Lei de Diretrizes e Bases e pelos Parâmetros Curriculares do Ensino Médio” (CEREJA; MAGALHÃES, 2003a, p.3). Em relação ao trabalho com a gramática, os autores afirmam privilegiar os conteúdos essenciais para a leitura e a produção de textos a partir de conceitos como “variedades linguísticas”, “discurso”, “intencionalidade discursiva” e “polifonia discursiva”. Tais conceitos, segundo o MP, estão ligados a uma abordagem teórica “nova”, apoiada na semântica, na linguística textual e na análise do discurso (*op. cit.*). Assim, segundo os autores,

os conteúdos consagrados da gramática descritiva, tais como morfologia e análise sintática, são incluídos, mas tratados de modo diferente. Em vez de estudos de frases descontextualizadas, busca-se o texto e o discurso; em vez do mero reconhecimento e classificação de determinadas categorias gramaticais, dá-se ênfase ao emprego desses

recursos lingüísticos e aos sentidos produzidos a partir do seu uso. (CEREJA; MAGALHÃES, 2003a, p.3)

O que se percebe nessa concepção de gramática é a proximidade com o discurso dos PCNEM, segundo os quais: “o estudo da gramática passa a ser uma estratégia para compreensão/interpretação/produção de textos” (BRASIL, 1999, p.139). De certa forma, há aqui a resposta a uma crítica feita por Bakhtin/Volochinov, já na década de 1930, ao afirmarem que “enquanto uma forma lingüística for apenas um sinal e for percebida pelo receptor somente como tal, ela não terá para ele nenhum valor lingüístico” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p.94). O que percebemos é uma sobreposição de vozes ou, em outras palavras, uma reverberação de enunciados que chegam ao MP com a finalidade de dar suporte teórico a uma concepção de ensino de gramática definida como “nova” pelo próprio manual.

Mais adiante, na unidade de “gramática”, o eco de um discurso anterior se mostra mais evidente quando os autores do MP afirmam que

[1]<sup>4</sup> o trabalho com a língua extrapola o nível da frase ([2] o que não quer dizer que, às vezes, não se deva trabalhar com frases) e busca o *domínio do texto* e, mais que isso, o do *discurso*, o contexto em que se dá a produção do enunciado lingüístico, já que *o que se fala* e a *forma como se fala* estão relacionados diretamente com certos aspectos situacionais como *para quem se fala* e *com que finalidade*. (CEREJA; MAGALHÃES, 2003a, p.25)

A citação acima evidencia a tensão entre duas concepções lingüísticas. Essa tensão de vozes contraditórias se mostra na estrutura do enunciado: uma das vozes diz “o trabalho da língua extrapola o nível da frase”, mas há outra que logo em seguida afirma “(o que não quer dizer que, às vezes, não se deva trabalhar com frases)”. A primeira voz aparece livre, posto que indica um discurso referendado, principalmente pelos PCNEM; a segunda, por sua vez, aparece entre parênteses, como se fosse uma exceção, sinalizando uma concessão a uma possibilidade de estudo já não mais reinante de modo absoluto, pelo menos no plano teórico. Essa tensão

---

<sup>4</sup> Esta marcação ([1] e [2]) foi empregada aqui apenas para marcar a sobreposição de vozes a que nos referimos no parágrafo seguinte.

evidenciada pelos autores tem uma razão de ser. Com o advento das teorias do texto e do discurso, em muitos contextos de ensino de LP, migrou-se da extrema concentração do estudo da gramática por ela mesma para o extremo oposto, o estudo do texto sem considerar sua gramática. E extremos são sempre perigosos: no primeiro, subutiliza-se o texto; no segundo, menospreza-se o estudo gramatical.

### Texto I<sup>5</sup>

## **Gramática: interação, texto e reflexão — uma proposta de ensino e aprendizagem de língua portuguesa nos ensinos fundamental e médio<sup>1</sup>**

Nos últimos trinta anos, desde a introdução oficial da lingüística nos cursos de Letras do país e o reconhecimento dessa disciplina como ciência, nenhum professor de língua portuguesa passou incólume pelo mal-estar criado pelo hiato existente entre a prática de ensino de língua materna nas escolas e as pesquisas lingüísticas no âmbito acadêmico.

De lá para cá, enquanto se sucediam os modelos teóricos e as linhas de pesquisa — que vão da lingüística estrutural à análise do discurso, passando pelo gerativismo, pela lingüística textual e pela análise da conversação, entre outros —, os professores dos ensinos fundamental e médio continuavam a lidar, diariamente, com problemas ainda não resolvidos desde o apogeu estruturalista nos anos 1970, tais como: o que ensinar nas aulas de língua, como e para quê?

Enquanto o professor da 1ª série do ensino médio (para concretizar num exemplo) pensa hoje na melhor estratégia para desenvolver as “funções da linguagem” — conteúdo que se tornou obrigatório nos manuais didáticos e nos programas vestibulares de algumas universidades brasileiras —, o meio acadêmico há muito substituiu termos como *emissor/receptor*, do modelo de comunicação de Jakobson, por outros como *locutor/locutário* ou por *enunciador/enunciatário*.

Evidentemente, esse perfil de ensino apresenta algumas limitações. (CEREJA; MAGALHÃES, 2003a, p.25)

A fim de exemplificar essas questões teóricas e metodológicas, os autores do MP apresentam a seguinte proposta: “para ampliar o conhecimento sobre essa nova proposta de ensino-aprendizagem, apresentamos, a seguir, dois artigos relacionados ao tema” (CEREJA; MAGALHÃES, 2003a, p.25). Assim, dentro do gênero MP, tem-se, explicitamente, outro gênero, o artigo científico. Resta saber se, no contexto em questão, tal texto funcionaria ainda como artigo científico ou, devido à nova esfera e suporte, passaria a artigo de divulgação científica. Essa é uma questão que não resolveremos aqui, contudo, ela nos conduz a outras

---

<sup>5</sup>Optamos por nos referir a esses artigos como “textos”. Assim, o que aparece em primeiro lugar no MP foi classificado como Texto I e o que o segue, de Texto II.

duas que nos parecem extremamente pertinentes: o interlocutor desse texto seria o mesmo? Os objetivos que determinaram esses artigos são os mesmos esperados para um manual didático? Um fato é certo: como fonte de informação, acreditamos que têm algo a contribuir.

## Texto II

### **Ensino de língua portuguesa: entre a tradição e a enunciação<sup>8</sup>**

Faz aproximadamente três décadas que a lingüística chegou às universidades brasileiras e se integrou aos estudos de linguagem. Isso quer dizer que a absoluta maioria dos professores de língua portuguesa que estão ativos na vida profissional teve um contato mínimo que seja com essa área do conhecimento científico.

Entretanto, se fizermos uma retrospectiva e examinarmos o que de concreto mudou nas aulas de língua portuguesa das escolas de todo o país durante esse período, veremos que o saldo é muito pequeno. Sem alterações profundas na seleção dos conteúdos ou no modo de ensinar língua materna, talvez a principal mudança se restrinja à inclusão de meia dúzia de novos conceitos, oriundos da lingüística e/ou da teoria da comunicação, que passaram a integrar os programas escolares, principalmente os do ensino médio, como signo, significante, significado, emissor, receptor, funções da linguagem, polissemia, etc.

Não é difícil compreender as razões desse fenômeno. Ao concluir o curso de Letras, o recém-formado professor de língua portuguesa ingressa no mercado de trabalho e passa a integrar uma estrutura de ensino — seja na rede pública, seja na rede particular — fortemente fincada na tradição, o que significa, no tocante ao ensino de língua, especificamente, uma adesão às práticas cristalizadas de ensino de gramática.

Tanto as teorias já consagradas da lingüística quanto as mais recentes pesquisas no campo da linguagem com que o professor teve contato na universidade pouco contribuem para a sua prática escolar, posto que ele se sente intimidado ou até mesmo despreparado para, sozinho, afrontar uma tradição milenar de ensino de língua e suportar as pressões sociais de pais, diretores de escolas, concursos vestibulares, etc.

(CEREJA; MAGALHÃES, 2003a, p.29)

O primeiro artigo traz como título *“Gramática: interação, texto e reflexão – uma proposta de ensino e aprendizagem de língua portuguesa nos ensinos fundamental e médio”*, e o segundo, *“Ensino de língua portuguesa: entre a tradição e a enunciação”*, ambos aparentemente publicados pelos próprios autores do MP e do LD em questão. Logo de início, percebe-se que o interlocutor é outro, ou, pelo menos, seu escopo é maior: sujeitos envolvidos com o ensino fundamental e médio, podendo ser desde estudantes de licenciatura a professores. Além disso, a disposição dos artigos dá-lhes outra configuração, pois deixam de ter um acabamento próprio e passam a figurar como seções do MP. Citamos abaixo o início de cada um para verificarmos questões como o grau de similaridade entre eles, o assunto de que tratam e, principalmente, sua pertinência com o tema “gramática” uma vez que estão nessa



unidade, dentro do MP. Os dois excertos acima foram retirados do MP e correspondem à introdução dos artigos que estão na unidade sobre a metodologia de ensino de gramática. Ainda que representem uma pequena parte de um todo, neles é possível observar aspectos interessantes sobre as discussões feitas até aqui.

A começar pelo título desses textos, pode-se verificar a tensão entre o que chamaríamos de o discurso da dicotomia “novo” e “antigo”. No primeiro, tem-se a referência ao termo “proposta”, que estaria relacionada ao ensino de gramática a partir da interação, do texto e da reflexão, elementos já enunciados pelos PCNEM. No segundo artigo, tem-se a contraposição “tradição” e “enunciação”. Aqui, o emprego do termo “enunciação” no lugar de “moderno”, que seria a expressão prevista para se contrapor à “tradição”, tem forte repercussão. O uso da palavra “enunciação” é atribuído, pelos próprios autores, a Bakhtin. Esse discurso do “velho” e do “novo” também é recuperado logo no início de cada texto com a referência explícita ao tempo e às mudanças advindas dos estudos linguísticos: “Faz aproximadamente três décadas que a linguística chegou... (texto II)”.

A imagem do interlocutor já se mostra distanciada daquela apresentada no início do MP. O professor de LP, leitor imediato e pressuposto do MP, passa a ser visto como o “ele” e não mais como o “tu” do contexto da enunciação, verificado linguisticamente em referências como “enquanto o professor da 1ª série do ensino médio...” (texto I).

Ainda que, de modo geral, os dois textos tematizem a questão das mudanças no ensino de LP, a abordagem dirigida ao sujeito professor parece caminhar em sentidos opostos. No texto I, há uma referência às mudanças e sua repercussão no contexto escolar, que tem na pergunta “*o que ensinar nas aulas de língua, como e para quê?*” (CEREJA; MAGALHÃES, 2003a, p.25) a síntese daquilo que provavelmente os professores sentiam naquele momento de implantação não só de novas propostas curriculares para o ensino de LP, mas, principalmente, da apresentação de um “novo” objeto de estudo, o gênero (textual e/ou discursivo).

Já no texto II, parece haver uma crítica ao professor que, apesar das “novas” teorias e pesquisas no campo da linguística, não conseguiu colocá-las em prática em suas aulas, evidenciando que “tanto as teorias já consagradas da linguística quanto as mais recentes pesquisas no campo da linguagem com que o professor teve contato na universidade pouco contribuíram para a sua prática escolar” (Texto II).

Ambos os textos seguem com a apresentação de propostas de ensino de gramática a partir de uma perspectiva denominada por eles de *enunciativa*. O texto I analisa o poema “Cidadezinha qualquer”, de Drummond. Nele os autores exploram a questão do emprego dos artigos. Com esse exemplo, procurou-se mostrar o que poderia ser o chamado “ensino de gramática no texto” (CEREJA; MAGALHÃES, 2003a, p.28). No texto II, a mesma estratégia é utilizada, agora, com um texto publicitário. São apresentadas duas análises distintas: uma na perspectiva da gramática normativa e outra numa perspectiva enunciativa. O foco, nessa atividade, está na análise de variações linguísticas que aparecem na seguinte frase do anúncio publicitário: “Se eu pudesse escolher, eu só usava Lulica Baby”. Nessa sentença, são apontados, pelo ponto de vista da gramática normativa, o uso inapropriado da forma “usava”, que deveria ser “usaria”. Do ponto de vista enunciativo, são levantadas questões sobre as “vozes” no anúncio e a pertinência delas para cumprir o propósito do enunciador, ou seja, “sensibilizar seu interlocutor para a compra de um produto de consumo” (CEREJA; MAGALHÃES, 2003a, p.32).

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Considerados o contexto e a época em que foi produzido o MP de Cereja e Magalhães (2003), é possível perceber nele evidências de uma atitude responsiva aos enunciados anteriores, ou seja, ao discurso oficial e aos pressupostos de algumas teorias linguísticas que ganhavam força no Brasil em fins da década de 1990 e início de 2000.

Sobre a interface gênero e gramática, o MP apresenta indícios dessa experiência nos exemplos citados dentro dos artigos, que, por sua vez, encontram-se literalmente “colados” no

inteiro da unidade que discute a metodologia para o ensino de gramática, não estabelecendo um diálogo textual com o restante do Manual. Contudo, essa interface ainda aparece nomeada como “texto e gramática” e recupera apenas o domínio semântico, talvez pela forte influência teórica da Análise do Discurso assumida pelos autores. Resta, contudo, observar se o LD, no qual o MP em questão se encontra e ao qual se refere, cumpre a proposta de aproximação entre gramática e texto.

Assim, ainda que princípios do projeto do Círculo de Bakhtin, como dialogismo, enunciado, esfera, plurilinguismo, sejam, direta ou indiretamente, citados no decorrer do MP e, especialmente, nos dois artigos (Textos I e II) nele reproduzidos, os exemplos apresentados seguem ainda uma vertente mais interpretativa (semântica) dos elementos linguísticos, não estabelecendo uma relação plena entre o enunciado concreto, ou gênero, e a gramática (envolvendo morfossintaxe, semântica e pragmática). O fato de o termo “gênero” aparecer na unidade do MP dedicada à *metodologia para a produção de texto* e não ser empregado na *metodologia sobre o ensino de gramática* é prova disso. Assim, não é difícil entender por que, mesmo quando se tem o gênero como objeto de estudo, a gramática da língua continue a ser estudada separadamente.

Com isso, não queremos dizer que o estudo metalinguístico não possa ocorrer em determinados momentos – na verdade, em muitas situações, ele será extremamente necessário -, mas, se a unidade de estudo da língua, segundo os PCNEM (1999), passou a ser o texto, é difícil compreender porque o domínio gramatical, que envolve a sintaxe, a morfologia, a fonologia e a semântica, são vistos como elementos supralinguísticos, quando, na verdade, supralinguísticos são aqueles fatores inerentes ao processo da comunicação verbal e que, portanto, determinam as palavras e as orações que compõem nossos enunciados concretos. Assim, não se trata, como dissemos no início deste ensaio, de “gramaticalizar” o gênero nem tampouco de negligenciar o estudo formal da gramática. Trata-se, na verdade, de contextualizar um e outro nos domínios da linguagem e naquilo que a torna um elemento da interação social: o enunciado concreto.

Se a palavra e a oração só se realizam efetivamente dentro de um enunciado concreto, o estudo de um gênero não deveria ficar alijado de um estudo de sua materialidade linguística. Centrar-se na semântica, como sugerem os artigos que se encontram no MP em questão, é um dos caminhos para se chegar à sintaxe, mas não o final dele. Observar a análise que Volochinov (1993) faz das intenções persuasivas de Tchitchicov, materializadas em sua sintaxe, no romance *Almas mortas*, de Gógol (1983), pode ser um bom caminho para se perceber a confluência entre gênero e gramática. Uma complexidade que pode render incríveis descobertas sobre o funcionamento da língua e auxiliar no seu ensino.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. O gênero do discurso: o problema e sua definição. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência e na Linguagem*. Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, B.(org.). *Bakhtin: Conceitos-chave*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.61-78.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

CEREJA, W.R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*. Vol. Único. Ensino Médio. São Paulo: Atual, 2003.

\_\_\_\_\_. *Português: linguagens – Manual do Professor*. Vol. Único. Ensino Médio. São Paulo: Atual, 2003a.

DIK, S.C. *The theory of functional grammar*. Dordrecht – Holland/Providence RI-EUA: Foris Publications, 1989.

GIVÓN, T. Functionalism and Grammar. 1995. In: NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GÓGOL, N. V. *Almas mortas*. Trad. Tatiana Belinky. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HALLIDAY, M. A. K. As bases funcionais da linguagem. In: DASCAL, M. *Fundamentos metodológicos da lingüística*. São Paulo: Global, 1973.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Vol. I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991. p.17-35.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: Conceitos-chave*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.151-166.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à teoria do enunciado concreto do Círculo Bakhtin/ Volochínov/ Medvedev*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2002.

VOLOCHINOV, V. N. La construcción de la enunciación. In: SILVESTRE, A.; BLANCK, G. *Bajtín y Vigotski: La organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993 [1930]. p.245-275.

### **André Luiz RAUBER**

Graduado em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa - pela Universidade Federal de Mato Grosso (1998). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2005). Professor efetivo de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Mato Grosso, *campus* de Rondonópolis. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes. Tem experiência na área de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de LP, relação língua e literatura, Funcionalismo e Gramaticalização.